

Por que rir da Análise do Comportamento?

Why laugh at Behavior Analysis

 CARLOS EDUARDO LOPES¹

¹UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ, BRASIL

Resumo

Inspirado no título de um famoso ensaio do professor Bento Prado Jr., discuto neste texto as contribuições do professor Isaías Pessotti para a Análise do Comportamento brasileira que vão além de seus feitos amplamente reconhecidos. Argumento que com seu humor refinado e provocativo, o professor Isaías chama nossa atenção para a necessidade de não incorrerem na falácia filosófica de desqualificar os adversários, em lugar de enfrentar seus argumentos. Outra contribuição é uma indicação dos riscos da prática de rebaixar a vida comum, em prol de uma linguagem abstrusa e hermética – algo que ainda se faz entre analistas do comportamento. Sem perder o bom humor, o professor Isaías sugere que o preço de seguir com essa prática pode ser alto demais: a desconfiança e falta de adesão por parte do leigo, e o histórico isolamento da área, que podem culminar na extinção dessa cultura. Com isso, concluo que ainda precisamos aprender com o professor Isaías a rir da Análise do Comportamento.

Palavras-chave: Análise do Comportamento, Filosofia, senso comum.

Abstract

Inspired by the title of a famous essay by Professor Bento Prado Jr., in this text, I discuss Professor Isaías Pessotti's contributions to Brazilian Behavior Analysis that go beyond his widely recognized achievements. I argue that with his refined and provocative humor, Professor Isaías draws our attention to the need not to fall into the philosophical fallacy of disqualifying opponents instead of facing their arguments. Professor Isaías also demonstrates the risks of debasing ordinary life in favor of an abstruse and hermetic language – which is still common among behavior analysts. Without losing his humor, Professor Isaías suggests that the price of continuing with this practice could be too high: distrust and lack of adherence on the part of lay people and the historical isolation of the area, which could culminate in the extinction of this culture. Therefore, we must still learn from Professor Isaías to laugh at Behavior Analysis.

Keywords: Behavior Analysis, Philosophy, common sense.

Nota. Financiamento: Trabalho financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), por meio de projeto aprovado no Edital Universal 2021 (Processo no 423361/2021-0).

✉ celopes@uem.br

DOI: [HTTP://DX.DOI.ORG/10.18542/REBAC.V19I2.15672](http://dx.doi.org/10.18542/REBAC.V19I2.15672)

“Um trabalho filosófico sério e bom poderia ser escrito consistindo inteiramente de piadas”

Ludwig Wittgenstein.

A pergunta do título deste texto inspira-se no famoso ensaio do professor Bento Prado Jr. “Por que rir da filosofia?” (Prado Jr., 1979/1981a). De antemão, destaco que é apenas uma “inspiração”, visto que com esse empréstimo do título não busco, de modo algum, dar a este texto o sentido ou função do texto original. Tampouco me proponho a fazer, aqui, uma análise sistemática daquele texto ou de seus argumentos; busco, isto sim, usar o provocativo título e alguns elementos do texto original para discutir, a meu ver, a importância do professor Isaías Pessotti para a Análise do Comportamento brasileira.

A escolha desse artifício tem algumas justificativas. A primeira é que sei que as relações entre os professores Bento e Isaías são de longa data. Os dois formaram-se em filosofia na Maria Antônia nos anos 1950 (Bento chegou um ano depois de Isaías terminar o curso). Eles voltaram a se encontrar nos anos 1980 na UFSCar, o que deixou como legado *Filosofia e Comportamento* (Prado Jr., 1982): um verdadeiro clássico para quem se interessa pela interface entre Filosofia e Análise do Comportamento. Muito tempo depois, no início dos anos 2000, eles voltaram a conviver na UFSCar, quando Isaías decidiu fazer um mestrado no Departamento de Filosofia e Metodologia das Ciências, sob orientação do professor Bento (nessa engraçada relação de “orientação”, nunca saberemos quem realmente era o mestre). Com toda essa história, penso que Isaías ficará satisfeito com essa minha tentativa de aproximá-lo mais uma vez do professor Bento.

Uso também o ensaio do professor Bento Prado para tentar ir além daquilo que todos sabemos sobre o professor Isaías: pertence à primeira geração de analistas do comportamento brasileiros, fundou laboratórios operantes, participou na implantação do curso da UnB, foi pioneiro no estudo da aprendizagem com abelhas, construtor de equipamentos, vencedor do prêmio Jabuti, e assim por diante (ver Otero, 2006). Não quero, com isso, desmerecer esses “títulos” e realizações do professor Isaías, mas por se tratar de fatos amplamente reconhecidos e registrados, este texto não se justificaria se apenas os repetisse.

Do rir da Filosofia ao rir da Análise do Comportamento

O ensaio do professor Bento Prado Jr. é uma resposta a um texto do professor Oswaldo Porchat Pereira que critica a filosofia tradicional¹. De acordo com essa crítica, a filosofia “oficial” (pertencente à linhagem “dogmática”, em contraste com a “cética”) teria recusado a vida comum, rebaixando-a como ingênua e simplória, terminando, assim, por se perder em um “extramundo” metafísico (Pereira, 1975/1981). Nessa análise crítica, permeada por uma narrativa autobiográfica, o professor Porchat afirma em um dado momento do texto: “O que se chamava de ingenuidade [do senso comum] era tão-somente a simplicidade humilde com que o homem comum reconhece o Mundo e nele encontra o seu lugar. Os filósofos sorriam do homem comum, eu passei a sorrir dos filósofos.” (Pereira, 1975/1981, p. 53). Eis o fio condutor da “réplica” do professor Bento Prado Jr.

De um lado, o professor Bento concorda com algumas das críticas do professor Porchat, no que diz respeito ao risco desse “desvirtuamento” da filosofia acadêmica, construída a partir de uma visão caricata sobre o senso comum. Além disso, ambos repudiam a estratégia de “rebaixamento” do adversário sem considerar seus argumentos propriamente ditos:

O. Porchat nos lembra de uma falácia filosófica de resultados práticos odiosos, e que consiste essencialmente na “explicação” da resistência teórica do outro: na versão teológica ou na versão política (mas tratar-se-ia, efetivamente, de versões diferentes?) a desqualificação psicológica, moral ou “sociológica” da opinião adversa. E Porchat tem razão ao se insurgir contra esse gênero de “argumento”. (Prado Jr., 1979/1981a, p. 85)

No entanto, o elogio ao senso comum, muitas vezes, parece assentar-se em uma crítica à filosofia tradicional que se daria nos mesmos termos: “Mas, ao explicar a filosofia contrária, ou seja, o idealismo, como ‘alienação’ ou como aberração do espírito como uma ‘paranoia inconsciente’, será que recorre a um procedimento muito diferente?” (Prado Jr., 1979/1981a, p. 85).

¹ Essa polêmica continuou com uma tréplica do professor Porchat, configurando-se, até hoje, como um dos debates mais interessantes e elegantes da filosofia brasileira (os textos foram inicialmente publicados em periódicos e depois reunidos no livro *A filosofia e a visão comum do mundo*). Daí minha afirmação anterior de que o ensaio do professor Bento é famoso.

Aqui, destaco um primeiro ponto de contato entre o ensaio do professor Bento e o trabalho do professor Isaías, a saber, uma suspeita com as classificações nosológicas ligadas à loucura e as nomeadas “psicopatologias”. A que serve esses diagnósticos? A resposta do professor Bento no âmbito da discussão da filosofia é de que a loucura é, muitas vezes, uma forma de desqualificar adversários; principalmente na linhagem racionalista da filosofia, para a qual a loucura seria o exato antagônico da “sã” filosofia (lembramos que nas *Meditações*, Descartes (1641/2003) desconsidera o argumento da loucura praticamente sem qualquer esforço argumentativo: “Mas essas pessoas são loucas, e eu seria considerado igualmente louco se tomasse alguma coisa delas como modelo para mim” (p. 13)).

A história é uma forma de contextualizar e relativizar a loucura – aliás, uma estratégia amplamente empregada por Foucault e seus sucedâneos. A detalhada investigação da história da loucura, que o professor Isaías trilhou com muitos de seus trabalhos, pode ser interpretada dessa maneira (ver, por exemplo, em Pessotti, 2006, a interessante discussão sobre uma “psicologia do pathos” de Minkowski em lugar de uma “psicopatologia”). Parece, então, que Bento e Isaías seguem, de certa forma, juntos na temática da loucura, denunciando que deveríamos desconfiar daqueles que se colocam cegamente do lado da “sanidade”, sem qualquer análise crítica do que seria, afinal, ser louco². Embora não se trate de rir da loucura, os itinerários percorridos pelos professores Bento e Isaías sobre essa temática, ainda que diferentes, sugerem que deveríamos rir daqueles que usam a loucura como pretexto para se elevarem como modelos de sanidade e, com isso, desmerecer a crítica.

Há contrapartida disso na Análise do Comportamento? Embora a loucura não seja um tema amplamente abordado na área (para além do campo da educação especial), o rótulo de “mentalista” parece ter, por vezes, a mesma função do “louco” na filosofia. Com esse “diagnóstico”, esquiva-se da obrigação de considerar seriamente as críticas externas, ou seja, as críticas dirigidas por aqueles que não se veem como analistas do comportamento. Aqui o professor Isaías é exemplar, não se furtando a estudar diferentes tradições de pensamento (como a fenomenologia e a psicanálise, por exemplo), mesmo que isso não tenha identificação teórica com a Análise do Comportamento.

Voltando ao ensaio do professor Bento Prado, o próximo movimento do texto é mostrar que o elogio ao senso comum, muitas vezes tomado como alternativa à filosofia tradicional, é bastante questionável. Da mesma maneira que a crítica filosófica erra quando cria uma caricatura do senso comum, uma “filosofia do senso comum” erra ao divinizar o senso comum, como se ele apresentasse uma sabedoria inabalável que resistiria a qualquer crítica: “Se a filosofia ‘inventa’ a ingenuidade do senso comum, ela pode também inventar sua sabedoria, ou sua espontânea afinidade com a verdade” (Prado Jr., 1979/1981a, p. 71).

O resultado dessa ponderação – que apresento aqui de uma forma assumidamente esquemática – é a possibilidade do reestabelecimento de uma filosofia que se posiciona entre Cila e Caríbdis, entre o risco da vacuidade da metafísica extramundana e a ilusão da volta a um senso comum não-filosófico romantizado. Trata-se, pois, de manter-se na filosofia, visto que esse é o caminho para uma análise crítica que nos impede de aderir ao pensamento obtuso, vazio, autoritário; mas essa filosofia deve sempre manter-se atenta ao risco de uma estetização e esterilização de uma suposta “filosofia pura”, sem contato com as questões do *Lebenswelt*.

Com isso no horizonte, a conclusão do ensaio do professor Bento Prado é de que realmente devemos rir da filosofia, não como, supostamente, ri o senso comum ou, efetivamente, ri o filósofo do senso comum, mas rir da filosofia *com* a própria filosofia. Nas palavras do autor:

Procurei sugerir que o senso comum (que nada tem de gaio) não ri suficientemente da filosofia: o que me inquieta é justamente a excessiva seriedade de sua “sã” filosofia. É preciso muito mais, para perder o medo de rir da filosofia, de si mesmo e do mundo – é preciso também aprender a rir *através* da filosofia. (Prado Jr., 1979/1981a, p. 97)

Qual a relação disso com o professor Isaías? Na minha opinião, ele consegue fazer algo muito parecido com a Análise do Comportamento. Primeiramente, ele nunca se colocou fora da área, sempre participando ativamente das discussões, encontros, JAC’s, congressos (incluindo as assembleias!). Mas, ao mesmo tempo, ele manteve-se rindo da Análise do Comportamento, mas com um riso que sempre tem por detrás uma lição muito séria. Começo ilustrando esse ponto com dois episódios pessoais.

² Em um breve texto posterior, mas sobre a mesma temática de “Por que rir da filosofia?” (Prado Jr. 1980/1981b), o professor Bento formula uma questão provocadora sobre a acusação dos “filósofos do senso comum” de que o idealismo seria um sintoma de esquizofrenia: “Esse horror pela esquizofrenia não é, ele próprio, paranoico?” (p. 100). Isso me lembra uma conversa que tive com o professor Isaías sobre a história das tentativas de compreensão e tratamento das “psicoses” (e o empobrecimento teórico desse tema a partir da segunda metade do século XX).

Certa vez, ao final de um curso que Carol Laurenti eu ministramos na UFSCar, o professor Isaías nos procurou com tom propositalmente sério e disse que se continuássemos defendendo essas heresias, acabaríamos excomungados. Em outro contexto, em um congresso da ABPMC, encontrando Isaías no corredor ele me saudou com a pergunta: “Contra quem você vai falar hoje?” Esses dois divertidos episódios têm uma profunda análise crítica sobre a área, a saber, discussões muito divergentes não são bem vistas e, insistir em fazer isso é um risco. Evidentemente, o professor Isaías não compactua com isso (e justamente por isso ri); quem o conhece minimamente sabe que ele participa com o mesmo entusiasmo desde as discussões mais canônicas até as mais heréticas (embora eu suspeite que, a despeito de sua formação em um seminário franciscano, ele tenha uma queda pela heresia).

Mas há outro exemplo, no qual eu gostaria de me deter mais: o de uma divertida crônica do professor Isaías publicada no *Boletim Contexto* (Pessotti, 2011). O texto descreve a história de Dona Eufrásia, que, depois de muitos anos cozinhando para festas e restaurantes, resolve oferecer um curso de cozinha para complementar a renda da família. O curso contava com quatro alunas (Amélia, Berenice, Clorinda e Florinda) e o seguinte “procedimento”: Dona Eufrásia ditava as receitas de um prato, incluindo seu modo de preparo, as alunas anotavam tudo e depois tentavam executar a receita em casa. Eventuais dúvidas deveriam ser trazidas na aula seguinte. Além disso, Dona Eufrásia pedia para que as alunas corrigissem por escrito a linguagem que ela usou ao passar as receitas (porque ela tinha planos de, futuramente, publicar um livro de receitas e, com essas correções, ao final do curso o material para o livro estaria pronto).

Tudo ia bem até que um dia, conferindo as correções de Florinda, Dona Eufrásia teve um choque. A receita de rosca de nozes, passada na semana anterior, tinha correções da linguagem de ponta a ponta. A receita completa, com as múltiplas correções feitas por Florinda, aparece no texto original (e merece ser lida!), mas transcrevo aqui um trecho apenas para ilustrar: “Após misturar os ingredientes secos, enquanto uma bate os ovos até misturar bem as claras e as gemas (contingência mal-definida), outra derrete a manteiga no leite (contingências entrelaçadas), em fogo cada vez mais baixo (fading out). . .” (Pessotti, 2011, p. 43).

Com a leitura de outra parte do texto descobrimos a origem dessas correções esquisitas: “Na ânsia de aprender o que pudesse, a aluna [Florinda] completara um curso por correspondência sobre ‘Psicologia do Comportamento’, oferecido por um tal Grupo Sigma, já antigo na cidade” (Pessotti, 2011, p. 42).

Creio que nem preciso dizer que o texto vale a leitura na íntegra, então, indico aqui somente o desfecho da estória: “Passado algum tempo, Amélia, Berenice e Clorinda abriram uma loja de doces chamada ‘Meu Docinho’. Dona Eufrásia cortou a fita inaugural. Florinda, um pouco mais tarde, pendurou uma placa na frente de casa: ‘Instituto do Comportamento Alimentar’” (Pessotti, 2011, p. 43).

A crônica apresenta pontos que justificam mais claramente minha estratégia de recorrer ao texto do professor Bento para falar do papel do professor Isaías na comunidade analítico-comportamental brasileira. Há, aqui, uma evidente crítica do risco de se perder contato com o senso comum. Usando uma linguagem abstrusa (contingências, *fading out*, modelação, *prompt* para a resposta, produto agregado...), os analistas do comportamento podem se revestir de uma arrogância risível, percorrendo, ironicamente, o mesmo caminho de uma filosofia calcada na metafísica do extramundo: primeiro rebaixa o senso comum para, então, construir a *Realidade*, que passa a ser assumida como anterior, mais fundamental e verdadeira que a vida comum. Seguindo por esse caminho, seriam dois os destinos da Análise do Comportamento.

O primeiro, bem retratado na crônica do professor Isaías, é tentar ensinar o senso comum a fazer o que ele sempre fez sem qualquer problema. Se Dona Eufrásia cozinhou com sucesso por 25 anos, por que ela deveria ouvir uma recém “especialista” em comportamento alimentar? O risco, aqui, é constituir um conhecimento técnico tão rigoroso quanto inútil.

O segundo destino, anunciado no desfecho da crônica, complementa o primeiro e sugere uma tragédia: a área fechar-se nela mesma, com seus membros “reforçando-se” uns aos outros, a despeito da falta de permeabilidade social. Isso daria a falsa sensação de que tudo vai bem, e só não vai melhor porque as pessoas não “enxergam a Verdade”. Esse ostracismo se complementa com a regra mais ou menos tácita de que tudo que não pertence à área é inferior, ingênuo, desinteressante. A tragédia anunciada pode ser entendida via selecionismo: o isolamento, somado à punição da variabilidade, pode conduzir a extinção de uma cultura.

Passados mais de dez anos da publicação da crônica, o que efetivamente estamos fazendo para evitar esses destinos? Talvez ainda precisemos aprender com o professor Isaías Pessotti a rir da Análise do Comportamento antes que só nos reste chorar por ela

Declaração de conflito de interesses

O autor declara que não há conflito de interesses relativos à publicação deste artigo.

Direitos Autorais

Este é um artigo aberto e pode ser reproduzido livremente, distribuído, transmitido ou modificado, por qualquer pessoa desde que usado sem fins comerciais. O trabalho é disponibilizado sob a licença Creative Commons 4.0 BY-NC.



Referências

- Descartes, R. (2003). *Meditations on first philosophy with selections from the Objections and Replies* (J. Cottingham, Ed. & Trans.). Cambridge University Press. (Trabalho original publicado em 1641)
- Otero, V. R. L. (2006). Homenagem a sócio honorário: Isaías Pessotti. *Temas em Psicologia*, 14(1), 9-11. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v14n1/v14n1a02.pdf>
- Pereira, O. P. (1981). Prefácio a uma filosofia. In B. Prado Jr., O. P. Pereira, & T. S. Ferraz Jr. (Orgs.), *A filosofia e a visão comum de mundo* (pp. 41-58). Editora Brasiliense. (Trabalho original publicado em 1975)
- Prado Jr. B. (1981a). Por que rir da filosofia? In B. Prado Jr., O. P. Pereira, & T. S. Ferraz Jr. (Orgs.), *A filosofia e a visão comum de mundo* (pp. 59-97). Editora Brasiliense. (Trabalho original publicado em 1979)
- Prado Jr. B. (1981b). Sobre a filosofia do senso comum. In B. Prado Jr., O. P. Pereira, & T. S. Ferraz Jr. (Orgs.), *A filosofia e a visão comum de mundo* (pp. 99-100). Editora Brasiliense. (Trabalho original publicado em 1980)
- Prado Jr. B. (Org.). (1982). *Filosofia e comportamento*. Editora Brasiliense.
- Pessotti, I. (2006). Sobre a teoria da loucura no século XX. *Tema em Psicologia*, 14(2), 113-123. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v14n2/v14n2a02.pdf>
- Pessotti, I. (2011). Receita de rosca de nozes. In D. M. Malavazzi, J. L. Leonardi (Orgs.), *Boletim contexto n. 34* (pp. 42-43). ABPMC.

Submetido em: 18/10/2023

Aceito em: 19/10/2023